

Claro é que vale a pena proceder-se a novas tentativas para obter-se ainda mais exemplares da *Haementeria Ghilianii* e espero que estas linhas tenham o benéfico effeito, de chamar a attenção sobre esta sanguessuga na sua propria patria. Além de mais exemplares seria altamente desejavel investigar o seu modo de vida. Quem sabe se talvez qualquer pescador d'aqui não conhece perfeitamente o animal, e sabe mais acerca dos seus costumes, do que, até esta hora, consta nos annaes da sciencia?

Belém do Pará, 18 de Julho de 1894.

IV

Costa

Observações e impressões durante a viagem costeira do Rio de Janeiro ao Pará ¹

(12 DE MAIO A 7 DE JUNHO DE 1894)

Pelo dr. EMILIO A. GOELDI

Era entre 4 a 5 horas da tarde do dia 12 de Maio, quando o vapor *Patagonia*, da linha de Hamburgo, levantou ferro para sahir barra fóra. O nome do nosso paquete achava-se n'uma contradicção manifesta com o nosso destino, debaixo do Equador. Mas nós não nos preocupamos muito com tal antagonismo nominal. A marcha vagarosa no principio convidava-nos e dava-nos boa occasião para examinar de perto os vestigios da epocha triste, que poucos dias tinha findo na historia da formosa bahia de Guanabara. Por mais avesso que sejamos a tudo que pertence ao terreno politico, n'aquella meia hora até chegarmos debaixo das austeras peças de Santa Cruz, quantas recordações e impressões variadas

¹ Às pressas tivemos de escrever este artigo para substituir um extenso e bello estudo monographico do professor Dr. A. Forel de Zürich (Suissa), intitulado *A Fauna das Formigas do Brazil*, devido á circumstancia de tal publicação demandar, attento seu copioso fraseado technico, de grande quantidade de typos e dizeres especiaes, que nosso editor já encommendou para a Europa.

Dada esta explicação aos nossos leitores, desde já convidamol-os para apreciarem, n'um dos proximos fasciculos d'este *Boletim*, o erudito trabalho do eminente prof. Dr. A. Forel.

não devia provocar em nós o aspecto da paisagem ao redor! Ruínas e chaoticos montões de pedra avistamos lá, onde em tempos mais felizes, estávamos acostumados a vêr, da nossa embarcação em serviço da sciencia, muros pacíficos e antigos, fortes fóra de uso e, aranhados pelas ferozes garras da guerra, apresentavam-se até os escolhos e pedras, onde tantas vezes, na vasante, tínhamos saltado para dar caça aos ligeiros sirís e ás variadas fórmãs da fauna marítima, que as ondas não tinham levado consigo na sua retirada. Onde Marte se agita com tanto furor, — Minerva deixa-lhe o campo, emigra, e procurando praias mais pacíficas espera a volta do socêgo e de tempos melhores.

*

Pouco férteis para observações sciéntificas foram os tres dias consecutivos no alto mar. As gaivotas (*Larus maculifennis*) nos acompanharam ainda algum tempo, formando nossa guarda de honra e dando-nos o ultimo adeus do Rio. E porque não haviam de prestar-nos esta attenciosa homenagem? Queriam significar-nos a gratidão da aviaria brasileira? Que me seja licito, interpretar as cousas ao meu modo; tenho consciencia que deixei no Rio obra digna d'ella.

*

O *Patagonia* tinha que seguir para a Europa e nós queríamos viajar para o Norte, de sorte, que nós nos separamos d'elle na vetusta Bahia. Com receio da febre amarella porém fomos ainda postos em observação desde a manhã até a tarde — horas sempre desagradaveis, durante as quaes unicamente uma grande tartaruga veio distrahir-nos um pouco com os seus exercicios, de natação ao redor do paquete.

Os dez dias que nós tínhamos de esperar até a vinda de outro vapor que nos levasse para o Amazonas, foram aproveitados, tanto quanto possível, em pequenas excursões, e na orientação d'aquella parte da fauna bahiana, que estava mais á mão. N'aquellas, particularmente m'interessei nas formigas e nas aranhas. De ambas as ordens fiz collecções relativamente boas, sendo de Arachnidos umas 40 especies. Nos jardins dei logo com a *Nephila clavipes* e a *Argyope argentata*, especies grandes e vistosas, com as delicadas teias de *Argyropeira* estendidas entre as folhas das Bromelias, e as de *Gasteracantha hexacantha* nas lorangeiras, além de uma

Epeira menor, proxima de *E. tauricornis* e como esta notavel pelas numerosas tuberosidades do abdomen. O conjunto arachnologico ainda me lembrava fortemente aquelle do Rio de Janeiro, especialmente da zona quente d'aquelle Estado e dos circumvisinhos, ao passo que elle era differente do da Serra dos Orgãos, onde, como eu demonstrei em outro trabalho, os Epeiridae maiores são parcamente representados. As teias eram habitadas por femeas sómente; do sexo masculino d'estas Orbitelarias não se via nada. Esta circumstancia não me podia surprehender muito; era Maio, portanto pleno inverno, e antes de partir do Rio de Janeiro eu tinha notado mais uma vez o mesmo estado de cousas, como em igual periodo dos annos anteriores, e como elle se acha descripto no meu trabalho *Orientação sobre a fauna das aranhas do Brazil* (pag. 240).

A avifauna da Bahia, dá um cunho caracteristico com a sua apparição quotidiana a *lavandeira*, *Fluvicola climacura*, (Vieillot) (mystacea Wied), que á toda a hora e em toda a parte saltita, pelos caminhos, nos jardins, á beira dos regos e riachos, na cumieira das casas, nos fios das linhas telegraphicas, nas torres das numerosas igrejas com seus tectos muitas vezes cobertos de uma vegetação inteira de gramineas e arbustos. Faz-se notar pelo seu colorido, seu vôo elegante e rapido, e sua chilrada garrula quando dous se perseguem e seu character confiado, pois deixa a gente approximar-se a dous passos. Em todo o seu porte e nos seus costumes é com as *Motacillas* europeas que melhor posso comparar este gracioso passaro, que gosta igualmente de abanar a cauda. O individuo adulto, do sexo masculino, é todo branco, com excepção das azas, da cauda e de uma estria desde o olho até o ouvido, que são de côr preta; as femeas e individuos novos são de preto mais desbotado. Já em fins de 1884, quando pela primeira vez pisei na Bahia, este passaro tinha me impressionado e nas minhas visitas posteriores sempre o notei. O mesmo se deu com o ornithologo inglez *Forbes*, em Pernambuco, quando elle veio durante algumas semanas estudar a ornis d'este paiz ¹.

Nas minhas viagens tenho o costume de visitar os mercados, pois são as vezes uma boa eschola de informações sobre os productos naturaes. Assim fiz tambem na Bahia,

¹ *A. Forbes*—B. A. (Prosecutor to the Zoological Society of London) *Eleven Weeks in North-eastern Brazil*, pag. 315, pag. 340.

sempre na esperança de encontrar um sortimento variado de animaes expostos á venda. A variedade durante aquelles dias porém não era muito grande, mas assim mesmo demorava-me quasi todos os dias umas horas, passando em revista os peixes, lulas e polvos no logar, onde os pescadores tem seu centro commercial, e as gaiolas do mercado no cões: Centenas eram os *Papagaios gregos* (*Androglossa aestiva*), de todas as idades, uns com a mancha amarella na fronte ainda muito pequena, outros já com todo o ornato completo de amarello e azul-claro na testa e de encarnado vivo nos encontros, de maneira que formavam magnificas séries para estudos comparativos. Indaguei de onde vinham e, apezar de «o segredo é a alma do negocio» e que os negociantes d'este ramo são aqui, como no resto de toda a parte, bastante desconfiados, soube que vem principalmente do sertão, exactamente como eu já tinha referido detalhadamente no respectivo capitulo da minha monographia sobre as *Aves do Brazil*. Os preços regulavam, na media, o mesmo como no Rio de Janeiro. *Curicas* não havia n'aquelle momento. Tinha lá uns poucos *periquitos-rci* (*Conurus aureus*) e, como artigo mais digno de attenção, dous exemplares jovens da *arara azul* (*Sittace hyacinthina*), ambas ainda sem a zona ocular amarella. De outros passaros quasi nada havia de vivo, com excepção de uns *Currupiões* (*Icterus jamaicai*) e uns cantores menores da familia dos *Fringillideos*, fazendo trivial. Os mammiferos estavam representados unicamente por uns exemplares de *Cebus fatuellus* (Macaco-prego) e de *Hapale penicillata* (sahuy-commum), ao passo que da bella especie bahiana *H. leucocephala* (sahuy de cara branca) nem um especimen pôde descobrir. De outro lado havia umas *giboias* (*Boa constrictor*) e uma *sucuriú* (*Eunectes murinus*) de meio tamanho, como representantes da classe dos Reptis. Fiz a revisão nas pelles de passaros, que lá na Bahia, como no Sul, certa gente expõe á venda, e que acha sempre boa freguezia nos passageiros em transito dos paquetes transatlanticos, mas não achei objecto algum digno de particular attenção para quem não é novato no terreno da ornithologia brazileira.

Em compensação, foi bastante grande a minha surpresa, quando ao entrar na loja de um negociante allemão, sita na rua principal do commercio da cidade baixa, deparei logo com um riquissimo sortimento de duas das mais curiosas e notaveis especies de coleopteros, que possui a America do Sul. A primeira é o *Hypoccephalus armatus*, typo exquisitissimo de bezouro grande, preto, de pernas grossas e tortas e

com um thorax singularmente alongado, quasi como n'aquelle orthoptero fossante, que na entomologia traz o nome de *Gryllotalpa* e que aqui no Pará e no Maranhão o povo baptisou com a designação trivial de *paca* ou *paquinha* e que os francezes chamam *courtillière*. Faz agora 62 annos sómente que se conhece este coleoptero, do qual durante annos só existia um unico exemplar entre todas as collecções. De quando em vez veio mais um especimen, sempre de proveniencia bahiana, mas ainda quando eu vim para o Brazil, em 1884, pagava-se entre 10 a 20 libras esterlinas por cada exemplar, e me lembra ainda muito bem, com que extremo cuidado e ciume nós guardavamos, na secção zoologica do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, uma pequena caixinha, que continha 4 exemplares do *Hypocephalus*, que um feliz acaso nos tinha posto nas mãos (creio que foi presente de um padre do sertão da Bahia) e dos quaes nem todos eram completos. A posição no systema foi objecto de viva controversa entre as autoridades mais afamadas em entomologia; uns faziam d'elle um Cerambycideo, outros um Scarabaeideo. Eu estava informado, que nos ultimos annos de repente os especimens de *Hypocephalus* appareciam com mais frequencia nos Museus, sempre todos vindos da Bahia. Mas confesso, que fiquei estupefacto, de vêr n'aquella loja logo mais de 50 exemplares, na maioria bonitos e completos, ao preço medio de—2 mil réis. Sei que o singular bezouro habita o sertão limitrophe entre Minas e Bahia, que vive no esterco do gado e que é conhecido pelos sertanejos com o nome trivial de *vaqueiro*. Posso outrosim informar, que os recentes e numerosos achados são devidos principalmente á attenção despertada por um folheto impresso e trazendo o desenho do bezouro—folheto que foi vulgarizado na Bahia por uns entomologistas europeus emprehendedores. Experimentarei o mesmo methodo aqui na Amazonia em relação ao *Lepidosiren paradoxus*, aquelle singular peixe, que tão desejado ainda é em todos os Museus de historia natural. O modo de vida do *Hypocephalus armatus* assim depõe em favor da opinião d'aquelles, que tinham visto n'elle um Scarabaeideo.

O segundo coleoptero era o formoso *Acrocinus longimanus*—insecto grande, com pernas dianteiras descommunalmente alongadas e um desenho bonito, no thorax e nas elytras, de estrias amarelladas sobre um fundo brunno, semelhando um tanto a um mozaico. Este vistoso Cerambycideo, porém não é de longe tão raro, como o primeiro, sem todavia ser commum. Geralmente quando se acha, dá-se logo

com elle em maior numero reunido em pequeno espaço, 6, 9 juntos e os entomologos com alguma pratica da fauna no Brazil sabem perfeitamente que é para os troncos dos *jacueiros* (*Artocarpus integrifolia*) que devem principalmente dirigir a sua attenção. Havia muitos bonitos exemplares na tal loja, regulando na media cinco mil réis o casal, portanto mais que o proprio *Hypocephalus*. Quem teria supposto tal inversão uns dez annos atraz?

Ainda outra surpresa me foi reservada na Bahia. Descobrí um modesto lithographo suiso, que durante uns vinte e tantos annos encheu, de modo summamente louvavel, as suas horas vagas, com a observação e criação de lepidopteros e coleopteros bahianos, desenhando e pintando com extrema paciencia e gosto artistico as diversas phases até o insecto perfeito. As estampas do Sr. Carlos Wirz—são umas quarenta—pertencem ao melhor, que eu tenho visto n'este ramo e seriam um real ornamento para uma obra scientifica. O Sr. Wirz tem tido ao mesmo tempo o raro tino e bom senso, de não baptisar como novô tudo o que elle não acha mencionado na sua litteratura deficiente—limitou-se a ser exacto e fiel na representação graphica d'aquillo que elle tinha debaixo dos olhos e julgou, muito acertadamente, que qualquer profissional poderia facilmente fazer uso das suas estampas mesmo sem nomes. É um amator de boa tempera e possui os requisitos de um genuino naturalista. Tive o prazer de poder-lhe indicar talvez uma duzia de nomes systematicos d'estes insectos, cujas metamorphoses magistralmente pintadas, tanta admiração me causavam e o modesto autor me mimoseou com uma d'estas estampas, apresentando aquelle pequeno coleoptero que tantos estragos causa nas fabricas e depositos de charutos, em sua actividade—estampa á qual um dia espero poder dar a merecida publicação.

Durante aquelles dias tive occasião de apreciar, pela primeira vez, como fructa saborosa, a da mangabeira (*Hancornia speciosa*) e de encontrar, com flores e vagens maduras ao mesmo tempo, a *Pointiana* pequena, parente menor do *flamboyant* do Rio de Janeiro, aquella vistosa Papilionacea que tão profusamente é aproveitada lá como arvore de alameda e que de Dezembro em diante com os seus pendões encarnados tanto enfeita as ruas da capital.

O dono do hotel, onde nós estavamos alojados, me offereceu, no dia da partida, tres grandes e magnificos camaleões vivos (*Iguana tuberculata*) que arrumei n'um caixão e os trouxe sãos e salvos até ao Pará (onde hoje ainda vivem

um d'elles, tendo sido os dous outros victimas de uma desgraça casual.)

*

No dia 25 de Maio embarcavamos no *Planeta*, do Lloyd Brasileiro, vapor que não prima justamente pela sua velocidade e que com um astro póde ter algum parentesco pelos seus variados movimentos, sendo porém de notar que o para a frente era do qual a gente menos se podia convencer. Tinha sahido do Rio de Janeiro com uma velocidade de cinco milhas por hora na media e durante todo o resto da viagem nunca chegou a passar o maximo de sete milhas. Allegou o digno commandante que o paquete tinha durante os seis longos mezes da revolta ficado com o casco cheio de mariscos e tinha a esperança que a agua doce do Amazonas havia de desembaraçar um tanto esta carga incommodativa. Parecia-me entretanto que isto não era puramente um defeito da epidermide rugosa e que faltava-lhe tambem alguma cousa nos pulmões. Emfim sempre chegamos em Maceió (27 de tarde), cidade de aspecto sympathico com o seu porto guarnecido de coqueiros, e com mais um dia em Pernambuco (28), onde pela primeira vez achei occasião de saltar, pois que sempre nas viagens transatlanticas anteriores achei-me a bordo de paquetes estrangeiros, que por causa das quarrentenas não se podiam communicar com a terra. Entramos no recife e procuramos vêr aquillo que era possivel no espaço de 24 horas. Olhando para o recife, lembrei-me da louvavel campanha realisada no terreno da zoologia maritima pelos membros da extincta *Commissão geologica do Brazil*, dos Srs. Charles Hartt, Derby e Branner—commissão da qual eu tinha tido em mãos algum material. E entrando na parte antiga da cidade, fiquei singularmente impressionado pelos multiplos vestigios, difficilmente a desconhecer, do estylo architectonico germanico—certas ruas e certos edificios trahem logo a origem hollandeza. Achei-me no logar, onde Markgraf e Piso, dous seculos antes, tinham feito os seus estudos sobre a historia natural do Brazil—os primeiros, que geralmente tem ficado conhecidos e a todo o passo se me apresentaram recordações historicas sobre o memoravel periodo, onde o conde Mauricio de Nassau fundou uma florescente cidade, na qual tanto soube desenvolver a industria, artes e sciencias. Pouco ou nada ficou d'aquelles nobres germens e eu não posso assaz elogiar o extremo zelo e o piedoso cuidado, com que ultimamente o Instituto Historico Pernam-

bucano tem tomado a si a tarefa de desenterrar da escuridão datas e documentos relativos áquelle periodo. Julgo que seria empreza digna de toda a animação reunir uma vez em volume tudo aquillo, que já veiu á luz, graças áquelles pacientes investigadores, e que hoje infelizmente quasi inacessível ainda é pelo esphacelamento litterario.

Estas reminiscencias historicas tiveram um agradavel seguimento a bordo, pois ganhamos como passageiro novo um membro do mencionado Instituto, hoje Juiz de Direito em Rosario do Maranhão, e na conversa com este cavalheiro positivamente muito lucrei. O Sr. Dr. Arthur C. Moreira era para mim um *Baedeker* aberto.

De Pernambuco em diante a costa brazileira era de todo nova para mim e com o mappa na mão e consultando aquillo que na memoria tinha ficado de leituras anteriormente feitas nos melhores autores, entreguei-me de corpo e alma a esta viva lição de geographia pratica, tanto mais que do ponto de vista zoologico a bordo pouco havia a fazer. Dos peixes voadores (*Dactylopterus* e *Exocoetus*), que, como é sabido, n'aquellas alturas tornam-se apparição mais frequente, nenhum quiz-se apresentar a bordo e das *Thalassidromas*, das quaes uma pequena especie taciturnamente fiscalisava a agua agitada e revolucionada pelo effeito propulsorio da helice, especialmente quando o tempo estava mudando, tambem não havia meio de apanhar alguma.

A costa porém, que durante o trajecto ao longo dos Estados da Parahyba e do Rio Grande do Norte quasi constantemente estava á vista, não offerece grandes encantos como paysagem. É monotona, ás vezes por centenas de milhas baixa e apresenta-se qual fita ininterrompida, alvissima no horisonte, quasi sem differenciação de nivel. Em momentos de maior approximação dissolve-se esta fita geralmente em uma associação interminavel de praias arenosas e de collinas, de maior e menor altura, formadas por areia movel, branca ao brilho do sol, a ponto de doer nos olhos, e de vez em quando com parca vegetação de *restinga* typica nos seus topos. Perguntando a uns passageiros oriundos d'estas regiões, me informaram uniformemente que aquella vegetação era constituída principalmente por uma e mesma especie de planta, chamada trivialmente *salsa* e soubemos mais, que a tal *salsa* exercia um benefico effeito no sentido de solidificar os contornos d'estas collinas arenosas e de diminuir assim o poder dos ventos sobre esta areia aliás em eterno movimento.

No porto da Parahyba (30) encostaram umas canôas offerecendo aos passageiros cocos verdes, peixes, e como prova de industria local, apreciamos bastante umas cestinhas graciosas, enfeitadas com rosetas de conchas brancas e côr de rosa, entre as quaes são principalmente aproveitadas a *Telina exilis* e a *Lucina jamaicensis*, se a minha memoria não me desfallece n'este assumpto conchyliologico. De um pescador, que vinha com um carregamento copioso de conchas maiores, adquirei meia duzia de magnificos exemplares da nossa maior especie de *Cassis* (*C. tuberosa*) por quantia diminuta, ao passo que do gigantesco *Tritoniu* ¹ deixei de comprar dous especimens realmente muito grandes, mas tambem bastante avariados. De bordo eu tinha observado, que a maioria dos coqueiros da India, que guarneciam o porto, tinham um aspecto doentio e pela conversa com os visitantes do logar soube, que uma *praga de bichos* tinha assolado vehementemente este anno a utilissima palmeira. Que bicho será? Até agora tive occasião de conhecer principalmente dous inimigos do coqueiro ¹ um coleoptero—a *Calandra palmarum*—, Cuculionideo preto de tromba comprida, e uma borboleta brunna, com listas amarelladas nas azas—a *Brassolis sophorae*—cujas lagartas eu já tenho visto atacar em numero espantoso esta e outras palmeiras. Não pôde tirar a questão a limpo.

Chegamos depois a Natal (31), capital dô Estado do Rio Grande do Norte—, cidade pouco distante do mar, de aspecto ameno e que, com as suas torres brancas, que apparecem por cima das collinas de areia da visinhança, convida a saltar. Tal não fizemos, porque suppunhamos, que o tempo não chegava. Esta supposição era erronea, e deixo aqui archivado a curiosa coincidencia, que um autor norte-americano escreveu, em 1879, o seguinte topico em relação á sua passagem n'este porto do Rio Grande do Norte: «We have to endure the customary delay here, while mails are exchanged; a Brazilian post-master does nothing in a hurry and commerce and pleasure alike must await his convenience.» ²

Navegando de novo, travei conversa com o pratico da costa sobre as baleias, assumpto sobre o qual uma pessoa,

¹ Descrevi, em 1887, a larva e o desenvolvimento de um coleoptero bastante nocivo ás *Latantias*, nos jardins do Rio de Janeiro;—é o *Alurnus marginatus*. (Zoolog. Jahrbücher, vol. II, pag. 584) Iena.

² H. Smith, Brazil, the Amazons and the Coast (London 1879) pag. 436. (Livro dedicado ao geographo e naturalista paraense D. S. Ferreira Penna).

que mais de vinte annos viaja e 3, 4 vezes cada anno n'estas paragens necessariamente deve saber alguma cousa. Affirmou-me, que ellas principalmente apparecem de Dezembro em diante e que costumam encontrar-se as mais das vezes a umas 20 milhas da costa. Com os cearenses, que iam comnosco, informei-me sobre o peixe *camarupim*, do qual os filhos d'aquella terra tanto caso fazem, e sobre a *pomba de bando*, de cuja frequencia phenomenal o Sr. Antonio Bezerra de Menezes me tinha anteriormente feito tão viva e eloquente descripção, que reproduzi no respectivo capitulo do meu livro. Diversos me prometteram material sobre estes e outros assumptos e quero crêr que, mais cedo ou mais tarde, cumpram com a sua promessa.

Pouco a pouco dobramos o cabo de São Roque e com elle o ponto oriental do continente sul-americano, onde a costa assume de uma vez direcção noroeste. Quem esperasse vêr n'este cabo um imponente promontorio, profundamente desapontado ficaria, pois não se differencia, de modo algum na sua physiognomia, da costa arenosa, observado nos dias anteriores e acima caracterisada. O littoral cearense ainda se apresenta debaixo da mesma configuração, com a differença que de vez em quando apparecem, mais retiradas para o interior, umas serras azuladas de differentes alturas, sobresahindo especialmente a Serra de Baturité—região montanhosa que parece ser a parte menos flagellada d'este celebre Estado e possibilitar a rendosa lavoura de café e legumes. Finalmente tinhamos chegado em frente de Fortaleza (1 de Junho), que os cearenses com orgulho chamam uma das mais bonitas cidades do Brazil. De facto o aspecto do lado do mar é bellissimo, tanto de dia como de noite. Minhas circumstancias não me permittiram saltar em terra. Como é sabido, não tem porto e o desembarque nem é facil nem agradável, especialmente com máo tempo, apezar da distancia ser curta. Lembrei-me da plastica descripção, que Gonçalves Dias deu do desembarque penoso, na occasião em que lá chegou a *Commissão de Exploração do Ceará*, da qual era o historiador official (4 de Fevereiro de 1859).

O Ceará d'esta vez não quiz passar por secco; chovia torrencialmente e os visitantes traziam a cada momento noticias de enchentes desastrosas, pontes arrancadas, trechos de estradas de ferro interrompidos, casas desmoronadas, de maneira que parecia haver completa inversão do estado normal. Nos momentos de tregoa as scenas na proxima praia, o furor das ondas no quebra-mar principiado e já parcialmente

sepultado na areia, as jangadas dos pescadores e uma verdadeira chusma de *medusas* bellissimas, todas de um e mesmo genero e especie (*Aurelia*), mas de variadas edades e diametros, que cercavam o nosso paquete, e com o seu habitual rhythmo stoico contrahiam e afrouxavam seus hyalinos discos, eram para nós objectos gratos de observação que não cansavam. «Agua-vivas» ouvi, em seu tempo chamar os pescadores no Tejo ás magestosas *Rhizostomas*, que em igual abundancia costumam ser vistas em frente de Lisboa e devo confessar, que sempre achei bastante significativa como designação generica para as graciosas medusas este nome trivial portuguez.

Litteralmente atopetado ficou o convez do nosso *Plancta* com os cearenses, que como passageiros de terceira classe queriam ir para os seringaes da Amazonia, indicando talvez perto da metade como destino escolhido o Rio Purús. Eram perto de 700, quando o vapor, tomando por norma algum raciocinio humanitario, talvez não comportasse a terça parte d'este numero!

Claro é que a continuação da viagem devia tornar-se in commodissima e ninguem ousava reflectir na angustiosissima situação que poderia resultar de semelhante—imprudencia em caso de um desastre no alto mar á vista da palpavel desproporção entre a maxima lotação de botes de salvação e o exagerado numero de passageiros. São cousas que fazem arripiar os cabellos!

Bastante carregado, repleto de gente e com o convez n'um entulho indescriptivel de redes, bahús, carga que não cabia mais no porão, fazia-se o nosso vapor mais para o largo (2 de Junho), de sorte que da costa, nos dias consecutivos, pouco nos foi visivel. Quando nós nos approximamos d'aquella tira estreita, com a qual o Estado do Piauhy hoje participa da periphèria atlantica, o littoral tinha assumido uma outra physiognomia, que se conservou então por todo o Norte. Era baixo ainda, mas as praias arenosas eram substituidas por uma pujante vegetação de matto mais alto, de um viçoso verde, agradável á vista. Passamos uma noite em frente á Amarração (3 a 4 de Junho), porto do Piauhy e situado na embocadura do Rio Parnahyba, ancorados talvez á distancia de uma meia hora d'aquelle logarejo, composto, ao que parece, de pequeno numero de casas meio escondidas entre palmeiras e o ininterrompido matto do fundo.

Durante todo o trajecto até São Luiz do Maranhão vi predominar n'esta matta do littoral certa arvore de meia

altura e copa frondosa, que os companheiros de viagem, filhos d'estes Estados, declaram unanimemente ser o *Muricy*.

Desde que cheguei aqui no Pará tive occasião de conhecer de perto o que pelo Norte se designa com semelhante nome—são *Byrsonimas*, da familia das Malpighiaceas, membros de um genero, que conta mais de quarenta especies aqui no Brazil. Convenci-me igualmente, que não é a mesma arvore que se conhece no Sul debaixo de identico nome indigena; o *Muricy*, tão frequente na Serra dos Orgãos e n'aquellas alturas por assim dizer a madeira a mais aproveitada entre as *brancas* nas construcções, é evidentemente outra planta, já pelo seu habitus exterior, embora nunca tivesse occasião de encontrar suas flores e seus fructos. Os *muricys* do Brazil septentrional são, como já pôde observar amplamente, muito procurados por innumerous passaros de todos os tamanhos e de diversas familias por causa dos seus fructos pequenos, em fórma de cereja miuda, que tem um caroço duro, redondo, envolvido n'uma polpa amarella, de gosto bastante insipido ¹.

Os numerosos baixos que guarnece a terra natal de Gonçalves Dias, são objecto de justo receio dos navegantes, que tratam de contornal-a mais fóra, pelo alto mar. A entrada do porto de Maranhão (5) é difficillima e durante um dia tivemos ensejo, de vêr que o nosso paquete, ancorado n'um canal estreito, a um quarto de hora em frente de São Luiz, estava no meio de verdadeiro labyrintho de bancos de areia que na vasante surgiram como cogumellos sobre a su-

¹ Não é sem interesse a explicação etymologica dada por Martius (Flora brasiliensis, Fasc. 21, pag. 121) do nome *Muricy*. « Avibus et mammalibus herbivoris, praesertim gliribus, samarae abunde maturescentes et baccae, imprimis generis *Byrsonimae*, nutrimento sunt. Neque Indianus has baccae repudiat, quamvis voracitatem ejus sedare non sufficiant. Quod nomen ipsum tupicum: Muricí, Murecy, Morecy significare videtur (je-moroó) *nutrio* et *cy* (*iniquus, invitus*)—ergo: *parce nutriens* ». Escreve na mesma occasião que a primeira das duas palavras componentes encontra-se ainda em outros nomes triviaes de plantas brazileiras, como em Murú-murú (*Astrocaryum murumuru*) (*Palmae*), « more linguae tupicae, quae vocabulo repetito pro augmentativo utitur, *probe nutriens* », e em « murú-cujá » (*Passiflora*), « in vase (cujá) *nutriens* significat ». Explica Martius a grande distribuição das arvores d'este grupo sobre extensão tão grande na America do Sul pela intervenção inconscia dos Indios: « Verisimiliter Indiani ex antiquissimis temporibus terras pervagantes fructusque edules harum specierum edentes eas longe lateque sparserunt quum semina intestina permeantia germinandi facultatem non perderent. Mos Indianorum communis est excrementa, ubi dejecta sunt, instar felium vel ipsos terra obtegere vel per alios, praecipue liberos, tegenda curare. Ita nostratium adagio cynegetico: *Turdus malum sibi cacat* (viscum edendo) addi possit: Indus pomum. »

perfície. As embarcações á vela, que voltaram do largo, já de manhã com remunerativo resultado de pescaria, um grupo de uns doze rapazes, occupados em preparar, lançar e retirar uma enorme *rêde de arrastão* n'um banco de areia proximo, os urubús que pairavam em numero consideravel sobre a cidade, uma ou outra borboleta que de terra nos vinha fazer rapida visita a bordo, a ida e vinda de botes, uns com fructas, outros com rendas e rêdes para a venda, tudo isto servia para nos distrahir soffrivelmente.

Mais uma vez poz-se o nosso *Planeta* em marcha (5 de Junho, ás 7 horas da tarde) e os dous dias seguintes, onde não havia que vêr se não ceu e agua, já nos pareciam interminaveis. Passamos ás ondas turvas que o Rio Gurupy despeja para o oceano atlantico e com crescente impaciencia aguardavamos aguas francamente amazonicas. Com verdadeiro jubilo vimos emergir ao longe uma ponta da ilha de Marajó, o cabo de Magoarí e pouco a pouco entramos no braço meridional do grandioso rio. Um archipelago de ilhas appareceu successivamente, e mais e mais approximavam-se as margens e com distincção e nitidez palpavel já surgiam, do aprazivel Pinheiro em diante, beiras idyllicas, onde habitações abastadas alternavam com ranchos cobertos de palha e ambos com parcelas de matto virgem e graciosos grupos do *Assay* e outras formosas palmeiras sem conta. A paysagem do Rio Guajará nos lembrou vivamente a da foz do Gironde, entre Pauillac e Bordeos—com a differença todavia, que na luxuriança da vegetação aquella bella região franceza naturalmente não póde competir com a Amazonia.

Era pelas cinco horas da tarde, do dia 7 de Junho, quando o *Planeta* ancorava em frente de Belém do Pará—nosso porto de destino, e, gratos pela feliz, embora longa e incommoda viagem, e com confiança no futuro, baldeamos para a lancha, que a attenciosa gentileza do chefe do Governo d'esta futura terra, tinha mandado ao nosso encontro.